

Chegou à NFL em 2010 como estrela, um circo mediático atrás de si e um contrato milionário, graças aos recordes que acumulou e às suas crenças religiosas, que o levaram a passar vários Verões como missionário nas Filipinas. Todos queriam saber tudo de Tim Tebow. Mas o “tudo” foi outro: correu tudo mal e a carreira foi a pique. Em 2013 já era um mero comentador. Agora, sem ninguém prever, assinou contrato com os Philadelphia Eagles para a época que aí vem, sendo este regresso à NFL, tal como numa jogada de futebol americano, a quarta e última oportunidade. E não será fácil: vai começar lá atrás, com outros quarterbacks (QB) à frente na corrida pela titularidade. Longe vão os tempos de melhor jogador universitário, período em que construiu uma carreira digna de ser apontada como a “next big thing” da NFL.

Tebow nasceu em 1987 nas Filipinas, onde os seus pais, missionários baptistas, estavam em missão. Durante a gravidez, a mãe teve disenteria amebiana e os médicos sugeriram o aborto. Os pais recusaram e a 14 de Agosto nascia em Manila Tim Tebow, o mais novo de cinco irmãos. Por opção dos pais, Tim fez o percurso escolar em casa, algo que seria um entrave à carreira desportiva não fosse a primeira de duas leis que foram rotuladas de “Tebow Rule”: em 1996, o estado da Florida passou uma lei que permitia que todos os “homeschooled” pudesse participar nas equipas escolares da zona de residência, o que lhe deu acesso à equipa da Trinity Christian Academy, em Jacksonville, onde então já vivia. Nesta equipa, porém, o lugar de QB estava ocupado, tendo Tebow mudado de casa para entrar na equipa da Secundária de Allen D. Nease. E foi aqui que tudo começou: logo na primeira época foi jogador do ano da Florida e os olheiros não mais o largaram. O seu estilo de QB era único, bom a passar e excelente a correr. Na última temporada no secundário ganhou o estadual, foi nomeado para a equipa do ano e ganhou o segundo “Florida Player of the Year” – isto num adolescente que dedicava os Verões a trabalho missionário nas Filipinas, no orfanato fundado pelo pai. Tudo isto conjugado levou a um crescente interesse em Tebow, tendo este sido alvo de uma reportagem da ESPN em 2005: “The Chosen One” era o título. Os media já estavam atentos e o sucesso a nível universitário só despertou mais atenção. Em 2006 foi para os Gators, da Universidade da Florida, onde só no ano seguinte seria titular. Nessa época bateu vários recordes – registos, no entanto, estranhos para um QB, como o de jogador que mais touchdowns marcou em corrida numa época e num só jogo. Mas a função de um quarterback não é passar a bola? É. Mas Tebow nunca foi um QB tradicional, apostando (muito) mais que o normal na corrida. Com todos os recordes de 2007, tornou-se o primeiro aluno de segundo ano a ganhar o Heisman Trophy – jogador universitário do ano. O seu estilo de jogo fez com que passasse a ser visto como o protótipo de QB do futuro, pois confundia bastante as defesas, que dificilmente adivinhavam se ia correr ou passar. O seu percurso e números iam também abafando as vozes dos que iam apontando as suas limitadas capacidades de passe. Tim Tebow foi QB dos Gators de 2007 a 2010, acumulando dois títulos nacionais, 145 touchdowns em 55 jogos e cinco



1.º down Escolhido pelos Denver Broncos no draft de 2010, por lá ficou duas épocas. Acabou trocado.

(2010-11)



2.º down Contratado pelos New York Jets, onde mal jogou. Acabou dispensado no final da época.

(2012)



3.º down O treinador dos New England Patriots tentou dar-lhe uma terceira hipótese. Sem sorte.

(2013)



4.º down Contra as expectativas, assina em Abril contrato por um ano com os Philadelphia Eagles.

(2015)

recordes nacionais, 14 de conferência e 28 da sua universidade. No último ano como universitário veio a segunda “Tebow Rule”: o QB sempre fez questão de levar a sua religiosidade para o campo, escrevendo versículos na graxa que punha por baixo dos olhos. Como na final de 2009, quando escreveu “João 3:16”. Nessa noite, o Google registou 92 milhões de procura pelo versículo – não é por acaso que Tebow foi eleito um dos cristãos mais influentes dos EUA, ao lado de Chuck Norris. No ano seguinte, a NCAA, federação de desporto universitário, proibiu inscrições na graxa. Dado o seu registo até então, o salto de Tebow para a NFL foi natural. Mas a transição foi dura pois, ainda antes de ser escolhido, já era alvo de discordia: muitos viam nas suas limitações de passe razão para Tebow não ter lugar junto dos profissionais; outros garantiam que ele ia revolucionar o desporto. Os anos deram razão aos primeiros. Foi seleccionado pelos Denver Broncos na 25.ª escolha da primeira ronda do draft e foi um sucesso... comercial: bateu o recorde de camisolas vendidas ainda antes de a época começar. Passada a euforia e os estágios, a temporada começou e nada de Tebow. “Jogará quando estiver pronto”, disse o treinador sobre o jogador que, dada a sua carreira universitária, assinou um contrato milionário de 11,25 milhões de dólares garantidos que podiam chegar a 33 milhões se atingisse certos objectivos. A estreia na NFL deu-se em Outubro de 2010, entrando como suplente e marcando um touchdown em

corrida. O primeiro passe para touchdown viria em Novembro, naquele que também foi o seu primeiro passe na NFL. A estreia como titular chegaria só em Dezembro e, embora a derrota e os números que conseguiu no jogo não fossem dignos de um super QB, com 50% de passes certos para 138 jardas, certo é que bateu logo um recorde: marcou numa jogada em que correu 40 jardas, o touchdown mais longo feito por um QB dos Broncos em corrida.

A época chegaria ao fim tendo Tebow participado em seis jogos como suplente e a titular em três. Mas a tal falta de precisão nos passes foi “o” tema de toda a offseason.

No ano seguinte, em 2011, Tebow voltou a não agarrar a titularidade, mas o mau começo da equipa (1 vitória e 4 derrotas) trouxe a liberdade de arriscar, já que pouco havia a perder. No regresso à titularidade, e depois de três quartos do jogo sem fazer grande coisa, Tebow conseguiu dar a volta ao jogo com os Miami Dolphins, de 0-15 para 18-15. Mas o seu estilo de jogo continuava igual: ganhava quase mais jardas a correr do que a passar e os passes não eram dos mais exactos. Ainda assim, levou os Broncos aos playoffs. Na fase a eliminar, a equipa de Denver perdeu no segundo jogo. A época terminava e os números não perdoaram Tebow: foi o QB com o mais baixo rácio de passes certos de toda a liga. As dúvidas já eram certezas e o destino intrometeu-se. Peyton Manning, icónico QB dos Colts já com 36 anos, tinha passado a época lesionado e a equipa de Indianapolis desistiu dele, já que no draft garantiram a “rising star” Andrew Luck. Manning foi para os Broncos e Tebow perdeu espaço. A partir daqui, a queda acentuou-se. Os Broncos trocaram Tebow para os New York Jets, donos de um QB inconsistente, Mark Sanchez.

O treinador dos Jets prometeu um lugar especial a Tebow, mas nada disso aconteceu. Foi dispensado no final da época. “The end”, escreveu-se então. Mas nem todos desistiram da superestrela universitária, caso dos New England Patriots, cuja posição de QB era (e é) do incontestável Tom Brady. Foi fazer a pré-época com os Patriots, tomou parte em dois jogos-treino mas nada de passes ao nível de um QB da NFL. Ainda antes de a época de 2013 começar, Tebow foi despedido. “The end”, voltou a dizer-se. Assinou contrato para ser comentador de televisão e pronto, a sua carreira iria ser essa. Mas ao contrário do basebol, no futebol americano não são três as oportunidades, mas quatro. E Tebow não esqueceu esse pormenor. A notícia caiu que nem uma bomba esta pré-época: no mês passado, Tim Tebow foi integrado no plantel dos Eagles, com contrato por um ano. O QB caído em desgraça foi primeiro chamado para alguns treinos e o que os responsáveis viram foi suficiente para o querer na pré-época. Porquê? Como? Onde? A explicação veio depois: mesmo afastado de três equipas da NFL, Tebow nunca desistiu de si. Aproveitando o ocasião mediática, contratou Tom House, treinador pessoal de Tom Brady, e passou os últimos dois anos em rigorosos treinos privados. Este ano, House declarou-o apto para a NFL. Resiliência e determinação não lhe faltam, isso é certo. Menos certo é o futuro: os Eagles têm no seu plantel cinco QB e 68 jogadores e, até ao início da época, este número tem de ser reduzido para 53. Ficar neste grupo será o primeiro de muitos desafios que Tebow terá agora de superar. ■